

# TEMPO NOITE | Pedro Tierra

31/03/2021

---

(Reprodução)

(imagem: reprodução, [www.cartamaior.com.br](http://www.cartamaior.com.br))

E sobreveio um tempo sem entranhas.  
Anos de pedra espessa,  
dias de muro e medo:

a morte invadiu  
com seus exércitos  
o espaço aberto das ruas

e o silêncio imposto pelas armas  
sepultou com seus ferros  
e o manto verde-oliva  
os ossos dos meninos trucidados.

E os coveiros do Continente  
estenderam seu império  
de delatores,

carrascos,

elegantes assassinos  
de farda impecável  
e coturnos reluzentes,

até ao porão das fábricas,  
a marcha dos retirantes,  
os barracos das favelas,  
os bancos das escolas,  
os sonhos dos saqueados,

até a última fresta  
onde a boca dos humanos  
passasse ao humano ouvido  
palavras de rebeldia.

E a Noite pensou de si mesma  
que que era um Tempo sem prazo,  
sem passado, sem futuro,  
um Tempo que se bastava,  
da própria dor se nutria.

Os olhos da Noite cega  
não viram fagulhas saltando  
na alma das oficinas,

não viram tochas ardendo  
na marcha dos retirantes,

não viram os favelados  
recriando o fogo vivo  
nas estações depredadas,

e os olhos dos estudantes  
clareando de esperança  
as ruas submetidas.

Os olhos da Noite cega,  
não viram o sonho do povo  
reacendendo fogueiras  
no ventre da escuridão  
enquanto busca romper  
as turvas cadeias do sol

e Amanhecer!

(Presídio Político de São Paulo, maio de 1975)

*Este poema foi escrito no Presídio do Barro Branco, na Zona Norte de S. Paulo, onde se encontravam encarcerados quarenta e dois condenados pela Lei de Segurança Nacional. Essa mesma que segue vigente apesar da Constituição liberal-democrática de 1988. Releio essa página hoje, 31 de março, quarenta e seis anos depois e confirmo, não sem amargura, uma convicção antiga: o Brasil é um país que se move em círculos. Esse poema poderia ter sido escrito ontem para denunciar um passado que se recusa a nos deixar. Insiste em atar-se ao presente e imprimir nele sua marca de desigualdade, exclusão, brutalidade, tortura, de insensibilidade frente à dor do outro. E a literatura segue sendo interpelada a dar o seu testemunho.*

Ditadura Nunca mais!

\*\*\*

\**TEMPO NOITE* – Esse poema está incluído no volume “[Poemas do Povo da Noite](#)” (Editoras Fundação Perseu Abramo/Publisher 4<sup>a</sup> Edição).

**Pedro Tierra**, Poeta. Lutou contra a ditadura militar de ontem e luta contra o neofascismo de hoje

Compartilhe nas redes: